ÂMAGO DA MEIA-NOITE



Fabricio Costa Rosa

9 - BUSCA E MAGIA

Natanael observa a ponte levadiça subir do lado de fora do castelo. O intendente e conselheiro real estava trajando uma armadura de couro com sua capa verde escura por cima. Ele se sentia pesado em uma armadura de ferro, havia mais de vinte anos que não usava uma, por isso optou por algo mais leve. Ele estava na companhia de outros vinte e um cavaleiros, esses portavam suas pesadas armaduras de aço.

- Tem certeza que não quer contar ao rei? – Um homem grande e forte pergunta para Natan.

Esse homem possuía uma armadura sob medida para ele, de forma que a cintura da armadura era arredondada para que sua barriga coubesse. Seu elmo estava preso ao dorso do cavalo, seu rosto velho estava exposto a luz do sol. Era barbudo como um leão e careca no topo da cabeça, com tufos de cabelos brancos nas laterais.

- Tenho. – Natanael afasta seu cavalo do fosso ficando ao lado do velho e de frente para vinte soldados - O homem ficaria ainda mais descontrolado.

- Eu acho que esse é o tipo de coisa que ele precisa saber. – Diz o velho com sua voz rouca e cheio de razão.

- Você diz isso porque não está com uma dessas no rosto. – O conselheiro vira o rosto mostrando mais uma vez o hematoma deixado pelo rei em um acesso de fúria.

- Ficou ruim – O velho sorri movendo seu longo bigode espiralado – Se fosse eu mandaria outro para cima dele. Sei que Claus não mandaria arrancar minha cabeça por isso.

- Palavras dignas de um mestre de armas, mas não para um simples e franzino intendente.

- Simples? Não há nada de simples em você. Consegue ser praticamente qualquer coisa que esse reino precise. – O mestre de armas diz, sincero.

- Qualquer coisa menos ser um combatente.

- Diz isso vestido nessa armadura de couro. – O velho aponto o dedo

para Natan.

- E uma poderosa espada curta. – O Conselheiro faz um gesto para sua espada curta embainhada.

Natan já havia passado dos quarenta e, ao contrário do Rei Claus e muitos outros combatentes mais velhos, sentia-se cansado só de pensar em combates, seu corpo já não respondia como na juventude. Mas ele sabia que, se iria para as ruas liderar as buscas pela princesa Kalifa, havia uma alta possibilidade de confronto. Por isso resolveu roubar o estilo de combate de Andur, que tinha a velocidade como protagonista.

- Haha, você sabe o que dizem, não é a espada e sim o homem que a usa. – O mestre de armas faz uma pausa para um ou dois pensamentos recorrentes em sua cabeça - Quando ele descobrir que escondeu isso dele, vai socar o outro lado da sua face.

- Melhor assim do que ele perder a cabeça e mandar uma centena de homens atrás dela. Temos um inimigo oculto no castelo, quanto menor o grupo e de mais confiança as pessoas, melhor para a segurança de Kalifa.

- Estou feliz por estar no seu círculo de confiança, mas vejo que é um homem desconfiado. Apenas eu e você para liderar as buscas? – O velho barrigudo faz um gesto apontando os vinte homens.

- Sim. – Natan afirma - Dois grupos de dez soldados. Assim é mais fácil de controlar.

- E mais difícil de encontrarmos alguém nessa vasta cidade.

- Na pior das hipóteses patrulhamos as ruas e diminuímos as chances de acontecer qualquer coisa.

- E o Duque? Tem certeza sobre ele?

- Eu confio nele tanto quanto no rei. – O velho deixa transparecer um ar de impaciência, como se achasse a postura de desconfiança de Natan uma perda de tempo.

- Sim. Vocês dois são homens de coração bom. Eu também quero acreditar nele, mas nesse momento não é prudente.

- Não é atoa que o rei te escolheu como tesoureiro – O mestre de armas sorri movendo seu icônico bigode.

Quando Natan saiu de seu quarto e deixou Alia para trás, a primeira pessoa em que ele pensou que poderia confiar era em Dur Holic, o idoso mestre de armas. O homem podia já ter uma idade avançada, mas sua pericia com espada era incomparável no castelo. Ele não tinha ambição alguma a não ser treinar a próxima geração. Seu carisma era grande o suficiente para ter a lealdade de todos os soldados, mas sempre ensinou os recrutas e serem leais ao rei.

-Certo, vamos achar essa menina levada. – Dur Holic se aproxima dos homens a cavalo, já em formação militar - Wendell, você vai com o conselheiro.

Um rapaz novo, com no máximo vinte anos sai da formação e se aproxima deles. Wendell era bonito, com cabelos castanhos e o queixo quadrado. Ele diz sorridente:

- Não sei se é uma boa ideia deixar um idoso simpático como você liderar esse grupamento sozinho nessas ruas perigosas de Dongau.

- O que está falando, seu pirralho? – O velho Holic sorri - Quem você pensa que te ensinou a usar essa espada? Antes de me conhecer você tremia tanto com uma dessas nas mãos que se ela fosse um pinto, cuspiria na cara do adversário.

Os homens gargalharam alto e até Natanael se permitiu um sorriso. Wendell fica com as bochechas rosadas e olha cabisbaixo para os homens. O mestre de armas transforma seu sorriso rapidamente em uma expressão austera.

- Eu não sei do que vocês bastardos estão rindo, nenhum de vocês consegue ganhar do garoto num duelo.

Rapidamente os dezenove homens fecham suas bocas, constrangidos. Dur Holic se vira satisfeito para conversar com Natanael, o velho gorducho tinha seu sorriso único que levantava seu bigode espiralado.

- Então, como quer fazer isso?

- Vou pela zona nobre do distrito de Sargaris e você pode ficar com o bairro dos comerciantes.

- Não é mais fácil ir direto para o subúrbio?

- Não, essa parte rica da cidade tem menos movimento, já nos subúrbios

sempre tem alguém de olho no movimento nas ruas, acho que isso facilitou a movimentação dos Goblins.

- Atenção agrupamento, com exceção de Wendell, dez soldados à minha direta - Dez homens em armaduras montados em cavalos, organizadamente foram para a direita do Mestre de armas, bem onde ele erguia sua mão. – Vocês estão sob meu comando. Os outros dez, atenção, ficam sob o comando do intendente Natanael.

- Sim senhor! - Gritaram todos em uníssono.

- A fração que está comigo – Ele grita guiando o cavalo para partir pela rua larga – Sigam minha liderança!

Os onze cavaleiros galopam ruidosamente sobre os paralelepípedos, pegando a primeira rua à esquerda e desaparecendo atrás de uma casa de pedra a mais de 100 metros de distância. Natanael ficou parado no vão que havia entre o fosso e a cidade, lugar onde antes era uma movimentada feira. Ele ponderou por um tempo, visualizando o castelo.

- Algum problema comandante? – Wendell pergunta.

- E se ela não tiver saído do castelo? Os guardas procuraram em cada centímetro da masmorra e não acharam nenhuma passagem secreta ou túnel escondido.

Wendell acompanhou o olhar do conselheiro para o castelo como se existisse ali um esquema de raciocínio do qual ambos compartilhavam agora. Então disse pensativo:

- Se for assim, então ela está presa no castelo e não vai conseguir sair facilmente.

- Verdade, só temo pela segurança dela lá dentro, sem guardas de confiança – Natanael guia sua montaria pelas rédeas – Vamos procurar por ela mesmo assim, caso tenha saído. Vamos abordar qualquer dupla de pessoas suspeitas.

Natanael guia o grupo e eles se deslocam rapidamente pela avenida, virando por uma rua à direita que era uma descida acentuada. O conselheiro já havia mandado um mensageiro para fechar os portões da cidade e ficar de olho em cada brecha da muralha. A capital da Gleba-Rubra, Dongau, era uma cidade com menos de vinte anos. As muralhas ao redor

da cidade eram incompletas pois a coroa não tinha arrecadação o suficiente para várias obras iniciais e o rei não queria pesar nos impostos.

O período de paz no Rammalarius trouxe negligência às defesas do reino mas, felizmente, grande parte da muralha havia sido erguida o suficiente para controlar a entrada e saída se fosse necessário. Desde o ataque à princesa Mel, uma quantidade relevante de homens aguardavam em cada brecha.

A busca continuou por mais de uma hora. Natanael e seus comandados vasculharam as ruas da zona nobre do distrito de Sargaris, parando em cada taverna que cruzavam. A área dos nobres era de privilégio, ficava logo no segundo planalto mais elevado da região. Belas casas de pedra com mais de um andar enfeitavam as ruas em uma arquitetura arredondada, cheias de abóbodas. Algumas delas pareciam ser pequenas fortalezas.

Quando os nobres mais ricos do reino de Sargaris debandaram da ilha em ruína, a melhor opção para eles foi se concentrar sob as asas de um reino em construção, um local onde poderiam conservar sua cultura e negociar um bom acordo para uma pequena parcela de seus bens em troca de privilégios. Claus era sem sombra de duvida um rei nada ganancioso, que recebeu pouco por ter feito muito e ainda doou parte de suas riquezas aos nobres que pouco tinham.

Natanael, como gestor das finanças, sempre achou prejudicial para o desenvolvimento do Reino a postura do rei. O Duque costumava dizer que no lugar de acumular riquezas, Claus acumulava lealdade, ter a nobreza nas mãos fazia parte de um tripé que sustentava seu governo.

- Wendell – O conselheiro parou ao pé de uma escadaria que dava acesso à zona mais pobre do distrito de Sargaris. Wendell se aproxima bebendo água de seu cantil – Mande cinco homens para entregar a mensagem para Dur Holic. Diga à ele que continue a busca na ala oeste.

Wendell prontamente despacha cinco homens que vão a galope acelerado. Enquanto Natanael, Wendell e os outros quatro cavaleiros desciam as escadas devagar com seus cavalos, um deles diz formalmente.

- Permissão para falar senhor.

- Seu nome?– O Conselheiro pergunta.

- Claus, senhor. – Era um soldado jovem, provavelmente novato. Deixara crescer uma barbicha no intuito de parecer mais velho.

- Certo Claus, sua mãe sabe agradar um rei – Natanael se permite um raro sorriso naqueles dias de angústia – Você pode falar.

- Eu nasci nesse distrito senhor. Conheço alguém que pode nos ajudar nas buscas.

- E quem seria? – Eles chegam em uma praça logo após a escadaria. O conselheiro para sua montaria.

- Ele é um servente em uma estalagem aqui da zona baixa, lembrei dele assim que avistei a praça porque fica aqui perto. Se chama Tyron, ele vende informações sobre coisas que ocorrem na rua.

- Que tipo de coisas? – Natanael indaga curioso.

- O senhor é mais velho do que eu, deve saber melhor– O soldado Claus diz sem jeito – Grandes eventos, ele sempre está ciente.

- Bem, vamos ouvir o seu amigo então.

O soldado guia-os até uma rua com declive, ali o movimento era bem maior. Na zona nobre, todos temiam por causa do incidente com a princesa e ninguém saía de casa, mas ali os habitantes ignoravam esse fato. Crianças brincavam nas ruas aos montes e mulheres sentavam nas portas tricotando ou fazendo algum outro trabalho manual.

Ao fim da descida, uma casa grande de madeira se achava bem agitada, com música de uma flauta e badolim. Uma placa de madeira pequena, logo acima da entrada dizia "Taverna da Rolha Mágica". Na esquerda uma mulher gorda e sem metade dos dentes se ofereceu para ficar com os cavalos em um estabulo pequeno e precário.

- Uma moeda de cobre para escovar. – A mulher diz rabugenta.

Eles recusam a oferta da mulher e o Intendente sugere que apenas ele e Claus entrem para conversar. Wendell concorda e permanece fora com os outros dois.

O interior da taverna era simples, quatro mesas grandes e retangulares ocupavam todo o espaço. Os bancos eram coletivos, de madeira rústica. Três grupos distintos de pessoas sentavam nas mesas e havia um bêbado solitário no início de uma mesa, longe de um grupo que conversava na

outra extremidade. Um homem alto e gordo estava atrás de um balcão encarando-os. Um senhor de idade tocava bandolim enquanto uma menina de uns quinze anos soprava uma flauta, ambos na esquerda do salão, próximo à única mesa vazia.

Os dois vão até o balcão, os outros fregueses se calam vendo a heráldica da Gleba-Rubra no peito da armadura de Claus. Ambos os visitantes apoiam seus cotovelos no balcão tentando descontrair a tensão que se instalou. Natan repara em uma porta logo atrás do homem e um corredor mais à esquerda, além do balcão. Na prateleira do alto, atrás do homem gordo, se achava uma serie de rolhas de todas as cores e tamanhos.

- À que devo a honra de uma visita dos soldados do rei? – Diz o taverneiro com um sorriso, ele tinha um dente de cobre e outro de prata lado a lado, mas o lugar consecutivo estava vazio e o próximo era preto.

- Onde está Tyron?

- Beba uma cerveja e ele aparece – Diz o homem alargando seu sorriso.

Claus lança um olhar para Natan pedindo permissão.

- Duas cervejas então – Natan pede.

- Tyron! – O homem grita olhando para a porta atrás de si – Duas cervejas!

Em poucos segundos um garoto sujo e magricela aparece com duas canecas de cerveja e as deposita no balcão. Ele toma um leve susto quando percebe que eram soldados os clientes, logo baixa o rosto e faz uma reverência.

- Em que mais posso ser útil?

- Tyron, sou eu, Claus. – O soldado diz, animado.

O garoto magricela levanta o olhar desconfiado, então levanta o rosto surpreso com a boca aberta e diz:

- Vossa majestade! Quanto tempo.

Claus corou olhando desconfiando para Natan, então deu um sorriso forçado. O taverneiro se afastou indo pra ponta do balcão e ficou lá olhando para a rua através da porta.

- Alguma novidade? Não achei que sobreviveria ao treino, bom te ver. –

Tyron ia dizendo efusivo.

- Olha Ty, estou a serviço. Preciso de uma informação.

- Claro parceiro – Tyron faz um gingado com a cabeça em sinal afirmativo – Diz o que você quer saber. Esse senhor é seu superior?

- Sim.

- Não.

Claus sem querer desmente Natan ao responderem ao mesmo tempo. Tyron olha de um para o outro confuso.

- Sim – Claus repete – Ele não é meu superior.

- Ah sim, eu já ia dizer – Tyron sorri gingando sua cabeça – Porque esse cara ta vestindo uma armadura menos legal que a sua. Sem querer ofender parceiro – O garoto mostra as mãos e oferece uma a Natan – Ai, prazer, sou Tyron.

- Prazer em conhecê-lo – Natan balança a mão do garoto.

- Diz aí, o que você quer saber, qual o seu nome mesmo? – Tyron pergunta apertando os olhos ao encarar Natan. – Sei que é você quer saber algo porque esse safado é pilantra demais pra vir aqui me ver só por saudade.

- Viemos saber sobre a princesa...

- Se você sabe algo do que aconteceu sobre a princesa – Natan corta o soldado Claus.

- Claro parceiro – Tyron Ginga a cabeça – A cidade inteira ficou sabendo. Nem vou cobrar por essa informação. Parece que a coisa tá feia, já está até em rumores de guerra. Dizem que o Rei ficou louco, vai sair por aí caçando uma bruxa, mas tá todo mundo preocupado porque ela é dona de um vira bicho. Parece que a coisa toda tá pegando fogo. Vão tomar essa cerveja?

Natan fez que não com a cabeça e Tyron entornou um copo. Claus tocou o Intendente por de trás do balcão e balançou a cabeça ligeiramente em direção a saída. Natan respondeu o olhar do soldado, então assentiu.

- Pode ir lá fora conosco? – Claus pediu.

- Claro parceiro, mas é melhor deixar o dinheiro da cerveja pro taverneiro. – Tyron dá a volta no balcão e vai saindo – Segura as pontas ai Chet.

O taverneiro nem se preocupou quando seu funcionário foi saindo. Natan deixou uma moeda de prata na mesa antes de partir. Os três saíram em silêncio deixando a música de flauta e corda para trás. Na entrada os outros quatro soldados aguardavam juntamente com os cavalos. Aquilo assustou um pouco Tyron que ficou desconfiado.

- O que tá acontecendo, parceiro?

O soldado Claus guia seu amigo até o meio deles deixando-o desconfortável. Todos os quatro cavaleiros eram homens sérios de traços duros que pareciam ter muita antipatia com o garoto magro e malvestido.

- Você viu uma dupla suspeita passando pelas redondezas? – Natan questiona.

- Dupla suspeita? – Tyron observa a todos com medo, fixando o olhar por último em Claus – O que tá acontecendo? Vocês estão me deixando no escuro aqui.

- É melhor contar logo - Wendell coloca uma mão na cruz da espada.

- Que droga é essa? – Tyron se espanta se afastando e tentando fugir do círculo.

- Não Wendell, o que você está fazendo? – Claus diz perturbado.

- Não é esse tipo de conversa? – Wendell pergunta confuso - Você trouxe ele pro meio da gente, eu achei que....

- É meu amigo de infância - Claus reclama puxando o braço de Wendell da espada – Qual o seu problema?

- Você sabe algo ou não? – Quis saber Natan.

- Duas pessoas suspeitas? Isso é muito vago. – Tyron diz olhando com medo para Wendell.

- Tudo bem vamos indo – Natan fala e faz menção de ir embora.

- Esperai aí parceiro, me dá uns detalhes.

- A princesa – Claus diz com inocente boa vontade.

Os olhos de Natan esbugalham e ele agarra Claus pelo peitoral de ferro da armadura então fala contendo a raiva:

- É confidencial!

- Desculpa – Claus diz fazendo uma careta.

- Levamos ele? – Wendell retoma seu tom ameaçador.

- Peraí parceiro, vocês acham que, em um castelo como aquele, podem esconder a informação de que a princesa Kalifa fugiu? Já sei dessa há tempos.

Natan larga o soldado e se aproxima com ferocidade de Tyron dizendo:

- Tem menos de duas horas!

- Sim, era a minha informação mais quente. – Tyron ginga a cabeça

- Quem te contou? – O conselheiro agarra o colarinho do rapaz.

- Não é sou eu não irmão, muita gente já sabe. Você quer saber se eu sei onde ela tá, não quer? Vou cobrar nada se me soltar. - Natan larga o rapaz magricela e contendo suas emoções ele aguarda até Tyron continuar – Meus parceiros disseram que uma dupla suspeita foi vista com corda e gancho, rumavam para o bairro da torre sudoeste.

- Essa não – Natanael se desespera. – Vamos nos adiantar

Ele sai correndo para seu cavalo, os outros fazem o mesmo. Wendell fica alguns segundos para trás. Natan faz sinal urgente para partirem e antes de subir na cela, Wendell diz a Tyron:

- Melhor você estar falando a verdade.

- Pode apostar. – O servente tinha as palavras na ponta da língua.

O soldado segue por último os outros cinco guiando seu cavalo a galope rápido. Tyron aguarda um tempo, até eles sumirem de vista. Então sorri. A mulher gorda lança um olhar de curiosidade, mas é ignorada. Ele entra na taverna estalando os dedos e assoviando o som da flauta, se aproxima do velho e da garota e encena uma dança ridícula, gingando a cabeça em um vai e vem.

- O que foi? – A flautista pergunta no intervalo de uma música para outra.

- Eu tenho uma informação que seu chefe vai amar.

...

O vento farfalhava os galhos das árvores na clareira da cabana. O sol ru-

mava lentamente para seu auge gravando no chão poderosas sombras no sossego das copas. Uma fumaça subia do topo da moradia e uma mulher velha, feia e corcunda maculava a porta com sua existência torpe e vil.

Feia era uma expressão gentil para descrever a desagradável aparência da mulher. Ela havia perdido altura devido a uma gigantesca corcunda em suas costas e metade de seu cabelo branco se perdeu. Seu nariz grande e inchado parecia uma pedra porosa. Sua face possuía incontáveis verrugas que começavam a limitar sua visão e sua testa estava longa e achatada.

Distraidamente, ela entona uma canção com sua voz aguda e desagradável.

" Uma criancinha se perdeu na floresta

Veio uma cobra e a devorou!

Mas a sua mãe veio correndo na floresta

E achou a cobra libertando a criancinha!

Mas a criancinha se perdeu na floresta

E uma aranha veio logo e a prendeu!

Mas a sua mãe veio correndo na floresta

E a sua vida em troca ela deu!

Só que a criança se perdeu na floresta

E uma bruxa horrível logo a achou!

Só que a criancinha não tinha um zelador

E a bruxa horrível a devorou! "

- O que diabos você esta assando? Sua bruxa asquerosa. Posso sentir o cheiro horrível de carne queimando à distância.

A voz irrompeu da lateral da cabana. Era grave e autoritária, com um timbre similar a um animal feroz. A bruxa se virou para ver quem lhe visitava e um humanoide de mais de dois metros aparece segurando uma espada grande e larga só com uma mão.

- Estava cansada demais para tirar a pele, esquartejar uma criança só com um braço é mais difícil do que parece.

Yulma move delicadamente seu braço direito totalmente enfaixado em

linho. Ela sorri, apenas um dente negro lhe restava na boca. Sua gengiva estava inchada e vermelha.

- Mesmo entre as criaturas vis e cruéis existe algum tipo de decência e honra. Me poupe de seus detalhes sórdidos. – Algumas palavras não se completavam direito na boca da criatura, pois quatro dentes afiados brotavam para fora do alcance de seus lábios.

- Você fala igual uma donzela, como pode ser o cruel líder de uma centena de Goblins, Grande Zorpe?

- Setenta e seis Goblins da última vez em que conferi. Onde estão os dezesseis que lhe emprestei? – Havia um tom de ameaça iminente na voz de Zorpe.

- Estão todos mortos, somente dois idiotas sobreviveram. – Yulma responde completamente displicente.

Zorpe enfia sua espada com tudo na parede de madeira da cabana, por alguns centímetros não cortou a anormal testa obtusa da bruxa. Ele urra de raiva balançando suas longas tranças na cabeça, cada uma delas com meia dúzia de minúsculas placas de pele endurecida.

- Tem muita coragem bruxinha, de dizer na minha cara que mandou meus soldados para a morte!

- E vou precisar dos outros Goblins. – Yulma diz casual.

- Está louca? Acha que vou emprestar o resto do meu exército à você? – Zorpe se inclina para olhar no rosto de Yulma, seus olhos eram vermelhos e de pupila achatada. Ele retira sua espada do buraco que fez na madeira e segura de forma ameaçadora.

A criatura era puramente músculos embaixo de uma pele esverdeada e com pelos cinza. Usava retalhos de armaduras de aço com uma surrada cota de malha por baixo. Sua orelha era grande e pontuda, o lado esquerdo era repleto de aros e o lado direito era mutilado até a metade. Portava nas costas um escudo grande com duas esporas juntas na lateral superior direita.

- É claro que vai querido – Yulma tenta acariciar o queixo de Zorpe, mas ele retoma sua postura, afastando-se dela.

A bruxa guia Zorpe até o interior da residência. Dentro do simples cô-

modo o caldeirão estava de lado no chão e em seu lugar uma pilha de pedaços humanos cortados de qualquer jeito queimavam negros e horripilantes por cima de grandes pilhas de lenha.

Yulma para curvada em frente ao fogo, próxima o suficiente para que o calor a incomodasse. Zorpe ergue sua espada por traz dela se perguntando se não era a melhor opção simplesmente varrer aquela mulher da existência.

- Você me pediu um encantamento para sua espada – A velha diz sinistra, com sua voz aguda – Vou lhe dar algo melhor.

- É bom que seja algo melhor do que os catorze Goblins que mandou para a morte. – Zorpe grunhe enraivecido e baixa a espada

A bruxa mostra o vão escuro em sua boca, com um único dente. Então estende seu enfraquecido braço direito na fogueira. De início, nada acontece, mas logo as ataduras começam a pegar fogo. A velha expressa intensa dor, seu maxilar entra no crânio mais do que deveria pela falta de dente.

- Omun salanak arien tanra.

Um súbito frio se espalha pela sala, o fogo flameja verde e já não queima mais o braço de Yulma, mas continua a se espalhar subindo até o ombro. Por outro lado, a fogueira onde estavam os restos mortais começa a queimar absurdamente mais rápido. O ar condensa quando Zorpe solta a respiração surpreso.

- Você não está com ele – A velha se vira encarando Zorpe, o braço em volto de chamas esmeralda – Mas ele está com você.

Yulma levanta a mão esquerda e uma força invisível guia gentilmente o braço direito de Zorpe até a frente, ficando entre os dois. A espada grande levita com delicadeza e repousa com a lâmina para baixo encostada na parede.

- De quem diabos você está falando? – Zorpe pergunta observando impressionado os feitos da bruxa.

- Omun, seu robgoblin tolo!

A velha pousa sua mão no pulso de Zorpe, as chamas são transferidas a ele que puxa a mão espantado. Então a pele começa a enegrecer na medi-

da que o fogo se espalha. Ele ergue seu braço para cima e libera um grito de dor e angústia. Yulma se afasta com sua careta de felicidade.

- Em seu cabelo você prende com orgulho uma parte da pele se suas vítimas. – Ela diz estridente, quase berrando para se fazer ouvir através dos gritos e gemidos de dor de Zorpe.

Toda a mão e o antebraço dele se tornam enegrecidos e secam, a criatura temível se dobra sobre os joelhos. O fogo sobe rápido para o braço. Sem aviso prévio, as peles secas presas como enfeite no cabelo de Zorpe voam. Mais de cinquenta peças dançam no ar ao redor do robgoblin. Yulma move ambas as mãos como um maestro, coordenando tudo.

- Eles querem fazer parte disso também.

Quando todo o braço arde em chamas de cor esmeralda e seca, completamente débil e escuro, sendo sustentado somente pelos ossos, as peças de pele voam rápido se encaixando como um quebra cabeça ao redor do membro de Zorpe criando uma nova pele de carne queimada, como escamas.

No decorrer da execução de tudo isso, a aparência de Yulma muda, com um ruído terrível de osso se partindo, sua corcova se divide em dois grandes volumes abaixo dos ombros. A pele de seu rosto atinge o mesmo patamar do nariz, ficando repleto de verrugas ao ponto de se assemelhar a uma segunda pele. Era como uma máscara de pedra horrenda.

A bruxa estende sua mão esquerda na direção da fogueira, todo o corpo do garoto havia se tornado pó dentro do fogo verde. Com um gesto de mão as chamas flutuam até o braço, juntamente com todo o pó, se infiltrando pelos retalhos de couro e encorpando o membro, fazendo-o ficar maior e mais forte do que era originalmente.

- Sim – A velha bruxa cai de joelhos enfraquecida, mas muito satisfeita.

O fogo se dissipa e junto dele a temperatura volta ao normal convidando o ar quente para dentro da cabana. O braço deixa cair um pouco de cinzas ao se mover. Zorpe se levanta admirando sua nova aquisição, abrindo e fechando o punho lentamente. Os dedos estavam alongados e pontudos, parecendo garras. Com um sorriso, sentindo o poder fluir, ele agarra a ombreira do braço direito, mostrando seu ombro desigualmente grande e negro.

Zorpe passa a ombreira para sua nova mão direita e amassa a placa de aço como se fosse papel. A criatura sorri satisfeita, mostrando o restante de seus dentes pontiagudos, porém, menores que os quatro caninos.

- Você vai me emprestar sua tropa – Diz Yulma, séria, quase como uma ordem.

Zorpe a observa de cima, ela estava cansada e parecendo frágil. Ele sorriu com desdém e agarrou o braço direito da bruxa. Então o quebrou com um aperto, sem esforço, em um crack bastante audível.

- O que infernos significa isso? – Yulma diz sombria. Seus olhos pareciam escondidos na pele inchada, dando um vislumbre assustador deles.

- Tudo bem – Zorpe larga a velha. Da as costas e vai até sua espada, pegando-a e embainhando – Mas ainda me deve o encantamento da espada.



Novos capítulos toda segunda-feira em:
www.r2pg.com.br
Capítulos anteriores já disponíveis.